Revista dos Seminários de Iniciação Cientifica
RESIC
Especial - Porto Seguro

Relevância da Psicologia Médica na formação médica: uma revisão bibliográfica sobre seus fundamentos teóricos e pedagógicos

Giovana Barboza Souki[1]; Isa Soares Andrade[1]; Rafaela de Oliveira Novais[1]; Samara Vaz Santos[1]; Dayse Valéria Santos Marques[2]

1. Curso de Medicina da Faculdade Atenas, Porto Seguro, Bahia, BA, Brasil.
2. Orientadora do trabalho, Faculdade Atenas, Porto Seguro, Bahia, BA, Brasil. Autor correspondente: daysevaleriapsic@gmail.com

RESUMO

A formação psicológica do médico envolve fatores éticos, emocionais, sociais e comunicacionais que influenciam a construção da identidade profissional e a relação médico-paciente. Nesse contexto, a Psicologia Médica contribui para o desenvolvimento de competências humanísticas, empatia, comunicação eficaz e cuidado centrado no paciente, especialmente diante das transformações contemporâneas da prática médica. Investigar, por meio de revisão bibliográfica, os fundamentos teóricos e pedagógicos da Psicologia Médica na formação médica, compreendendo seu papel no desenvolvimento de competências cognitivas, técnicas, éticas e humanísticas essenciais ao exercício profissional. Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa realizada nas bases Google Acadêmico e PubMed, além de livros e materiais da Biblioteca da Faculdade Atenas, utilizando os descritores “Psicologia médica”, “Identidade profissional”, “Relação médico-paciente” e “Formação psicológica do médico”. O estudo compreendeu levantamento, seleção, leitura e análise crítica da literatura pertinente ao tema. A revisão bibliográfica demonstrou que a Psicologia Médica exerce papel fundamental na formação do estudante de Medicina, contribuindo para o desenvolvimento de competências éticas, comunicacionais, emocionais e humanísticas. Os estudos analisados evidenciaram que a disciplina favorece a construção de uma identidade profissional mais reflexiva e humanizada, além de fortalecer a relação médico-paciente por meio da empatia, da escuta qualificada e da comunicação terapêutica. Também foram observadas contribuições importantes para o manejo das emoções e das pressões acadêmicas, promovendo maior autorreflexão e qualidade do cuidado prestado. Este estudo evidenciou a Psicologia Médica como essencial na formação do estudante de Medicina, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades éticas, comunicativas e humanísticas. A literatura reforçou sua importância na construção de uma identidade profissional mais reflexiva e humanizada, formando médicos mais empáticos e preparados para o cuidado ao paciente.

Palavras-chave: Psicologia Médica; Formação Médica; Relação Médico-Paciente; Identidade Profissional; Humanização da Saúde.

ABSTRACT

The psychological training of physicians involves ethical, emotional, social, and communicational factors that influence the construction of professional identity and the

doctor-patient relationship. In this context, Medical Psychology contributes to the development of humanistic competencies, empathy, effective communication, and patient-centered care, especially in light of the contemporary transformations in medical practice. To investigate, through a bibliographic review, the theoretical and pedagogical foundations of Medical Psychology in medical education, understanding its role in the development of cognitive, technical, ethical, and humanistic competencies essential to professional practice. This is a narrative bibliographic review conducted using the Google Scholar and PubMed databases, in addition to books and materials from the Faculdade Atenas Library, using the descriptors “Medical Psychology”, “Professional Identity”, “Doctor-Patient Relationship”, and “Psychological Training of Physicians.” The study included the survey, selection, reading, and critical analysis of the literature relevant to the topic. The literature review demonstrated that Medical Psychology plays a fundamental role in the education of medical students, contributing to the development of ethical, communicative, emotional, and humanistic competencies. The analyzed studies showed that the discipline favors the construction of a more reflective and humanized professional identity, in addition to strengthening the doctor-patient relationship through empathy, qualified listening, and therapeutic communication. Important contributions were also observed regarding the management of emotions and academic pressures, promoting greater self-reflection and quality of care provided. This study highlighted Medical Psychology as essential in the education of medical students, contributing to the development of ethical, communicative, and humanistic skills. The literature reinforced its importance in the construction of a more reflective and humanized professional identity, preparing more empathetic physicians who are better equipped for patient care.

Keywords: Medical Psychology; Medical Training; Doctor-Patient Relationship; Professional Identity; Humanization of Healthcare.

Introdução

A formação psicológica do médico constitui-se a partir da articulação de múltiplos fatores individuais, tais como temperamento, moralidade, caráter, ética, atributos do ego e identidade. Embora conceitualmente relacionados, esses elementos representam dimensões distintas da personalidade. A interação entre eles desempenha um papel fundamental na construção da autoimagem do profissional e na maneira como este se posiciona e atua no contexto social e profissional (MELLO et al., 2010, p 82). Na área médica, a construção da identidade profissional ocorre de maneira progressiva e contínua, tendo como ponto de partida a identidade pessoal do acadêmico e culminando na consolidação do papel de médico. Esse processo é singular para cada indivíduo, sendo influenciado por fatores subjetivos e circunstâncias do ambiente. A socialização exerce papel central nesse trajeto, ao facilitar a integração do sujeito aos valores da comunidade médica (CRUESS et al., 2015, p 718-725). Contudo, a formação da identidade não ocorre sem desafios, uma vez que o médico precisa lidar com conflitos emocionais, dilemas éticos e pressões sociais que interferem na sua prática e exigem constante adaptação.

O desenvolvimento de uma identidade profissional estável e bem estruturada é fundamental para a prática clínica eficaz e segura em todas as especialidades da área da saúde. Além disso, representa um fator crucial para a manutenção do bem-estar físico e psicológico dos próprios profissionais (FERNANDES et al., 2023). Experiências emocionalmente intensas vivenciadas ao longo da formação clínica atuam como ferramenta da autorreflexão, favorecendo o amadurecimento da identidade profissional dos acadêmicos de medicina. Tais vivências representam momentos significativos de aprendizado e de desenvolvimento pessoal e profissional (LÖNN et al., 2023, p 1557-1578). Ademais, uma identidade profissional bem desenvolvida reflete diretamente na qualidade da relação médico-paciente, influenciando a empatia, a comunicação e a capacidade de tomar decisões éticas diante de situações complexas.

A relação entre médicos e pacientes tem passado por muitas mudanças nos últimos anos. O avanço da tecnologia, a pressão das corporações de saúde e a perda de autonomia no exercício da profissão impactam diretamente na forma como o cuidado é oferecido. Muitas vezes, essa realidade gera um distanciamento no vínculo clínico, tornando as consultas rápidas, centradas em exames e procedimentos, e deixando em segundo plano o diálogo humano. Como apontam Nogueira-Martins e Nogueira-Martins (1998), esse contexto pode favorecer sentimentos de insatisfação tanto dos profissionais quanto dos pacientes, criando um terreno de desconfiança mútua. Por isso, resgatar a dimensão do cuidado centrado no paciente fortalecendo a relação médico-paciente tem sido um desafio à prática médica.

Nesse cenário a Psicologia Médica ganha muita importância. Mais do que uma disciplina, ela se propõe a integrar ciência, técnica e subjetividade, ajudando o médico a olhar para o paciente como pessoa inteira – com corpo, mente, história e emoções. Eksterman (1977) compara a Psicologia Médica a um “tecido conjuntivo” que sustenta a prática clínica, permitindo que o encontro médico-paciente vá além da doença, favorecendo dessa forma uma escuta mais sensível e respeitosa. Essa perspectiva não apenas melhora a comunicação terapêutica, como também contribui para evitar iatrogenias e promover um cuidado mais humanizado. Nesse sentido, a atuação da Psicologia Médica torna-se essencial na formação médica, pois auxilia na construção de uma medicina que valoriza tanto a saúde física quanto a dimensão emocional e existencial de cada pessoa.

A comunicação exerce um papel terapêutico, sendo que o encontro entre médico e paciente se sustenta em competências relacionais e comunicacionais que viabilizam o cumprimento das três funções essenciais da entrevista clínica: a obtenção de informações, a realização da intervenção terapêutica e a construção de uma relação que possibilite essas tarefas. Essas competências tornam a própria entrevista parte integrante do processo de cura. Dessa forma, contribuem para o êxito terapêutico, promovendo maior adesão do paciente tanto à exploração conjunta da história de suas doenças – o que garante informações mais completas e precisas e favorece a formulação de hipóteses diagnósticas – quanto à terapêutica, baseada em respeito, confiança mútua e na partilha de ideias, valores e sentimentos (CARVALHO et al., 2010, p 528).

Assim, pode-se compreender que a formação da identidade profissional do médico e o desenvolvimento de competências comunicacionais não são processos dissociados, mas sim dimensões que se complementam. A identidade sólida fornece a base ética, emocional e reflexiva para a prática clínica, enquanto a comunicação eficaz representa o instrumento pelo qual essa identidade se expressa na relação com o paciente. Dessa integração emerge não apenas uma prática médica tecnicamente competente, mas também humanizada, capaz de responder às demandas emocionais e sociais inerentes ao cuidado em saúde. Essa articulação abre caminho para compreender, no campo da Psicologia Médica, como a relação médico-paciente se configura como eixo central do exercício profissional e da própria experiência de ser médico.

Justificativa

Tradicionalmente, os cursos de Medicina incluíam poucas disciplinas voltadas para comunicação e humanização, áreas essenciais para uma relação médico-paciente de qualidade. Desenvolver a empatia ao longo da formação permite que os alunos vivenciem situações que despertem compreensão e sensibilidade, habilidades fundamentais para o cuidado adequado. No entanto, quando essas experiências são superficiais ou limitadas, a capacidade de acolhimento e atenção do futuro profissional pode ser prejudicada. A relação médico-paciente vai além do simples encontro clínico, envolvendo não apenas competências técnicas, mas também a capacidade de perceber

e compreender as experiências e emoções do paciente. Esse equilíbrio entre conhecimento e sensibilidade é o que garante um cuidado mais humanizado e efetivo.

Além disso, a história da Psicologia Médica antes mesmo de ser uma disciplina remonta décadas, torna-se importante ressaltar fatos importantes que marcaram a história dessa disciplina, através de revisões bibliográficas e trabalhos acadêmicos realizados, nota-se o quanto essa disciplina durante sua evolução impactou os estudantes (acadêmicos) de medicina das respectivas épocas, contribuindo para que esses sejam médicos mais empáticos e humanos, que conseguiam olhar os pacientes além de uma condição de saúde, mas como um todo. Dessa forma, ressaltar a história da Psicologia Médica é um meio de apresentar como o cuidado do médico com o paciente evoluiu no contexto biopsicossocial, além de evidenciar como atualmente essa disciplina alcança muitas universidades ao longo de todo o Brasil, tendo um impacto extremamente positivo.

Investigar os fundamentos da Psicologia Médica e suas metodologias de ensino contribui para compreender como esse conhecimento se articula na formação integral do profissional, favorecendo uma atuação mais sensível, reflexiva e comprometida com a dignidade humana. Além disso, o estudo se justifica pela necessidade de discutir os desafios e as perspectivas da disciplina dentro dos currículos médicos atuais, diante da crescente exigência por profissionais aptos a lidar com a complexidade do sofrimento humano e com as transformações do sistema de saúde. Assim, este trabalho se torna relevante não apenas para valorizar a Psicologia Médica como área de conhecimento, mas também para reforçar sua importância estratégica na formação de médicos mais preparados para atuar em contextos diversos, de forma ética, técnica e humanizada.

Objetivos

Objetivo Geral

Investigar, por meio de revisão bibliográfica, os fundamentos teóricos e pedagógicos da Psicologia Médica na formação médica, compreendendo sua evolução histórica, seus principais referenciais conceituais e metodológicos, bem como seu papel no desenvolvimento de competências cognitivas, técnicas, éticas e humanísticas essenciais ao exercício profissional.

Objetivos Específicos

- Contextualizar a inserção da Psicologia Médica nos currículos dos cursos de Medicina, destacando seu papel na formação integral do futuro profissional.

- Examinar como os conhecimentos da Psicologia Médica auxiliam na relação médico-paciente, promovendo escuta qualificada, empatia e comunicação eficaz.

- Avaliar, por meio da literatura, a contribuição da Psicologia Médica na formação de habilidades técnicas, sobretudo na comunicação interpessoal, na anamnese humanizada e no manejo de situações delicadas.

Metodologia

O presente estudo será desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica narrativa tendo como objetivo analisar a relevância da Psicologia Médica na formação médica, com ênfase em seus fundamentos teóricos e pedagógicos. A busca de referências bibliográficas será realizada nas bases de dados Google Acadêmico e PubMed, bem como por meio de consulta a livros e materiais disponíveis na Biblioteca da Faculdade Atenas. Para a identificação dos estudos, serão utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Psicologia médica”, “Identidade profissional”, “Relação médico-paciente” e “Formação psicológica do médico”. O processo metodológico será conduzido pelo levantamento bibliográfico, mapeando produções científicas relevantes sobre o tema, abrangendo artigos publicados, livros e capítulos de livros, teses e dissertações; seleção e leitura do material, analisando quanto à pertinência temática, relevância científica e atualidade; e por fim, análise e síntese crítica, onde as informações extraídas das obras serão organizadas e discutidas à luz dos fundamentos teóricos e pedagógicos da Psicologia Médica, com o intuito de identificar sua contribuição para o desenvolvimento de competências técnicas, éticas, humanísticas e comunicacionais necessárias à prática médica. A revisão bibliográfica proposta permitirá compreender de forma aprofundada como os princípios teóricos e o ensino da Psicologia Médica influenciam a formação integral do futuro médico, contribuindo para uma prática profissional mais ética, empática e centrada no paciente.

Discussão

Psicologia médica na formação do futuro profissional

A identidade profissional na medicina relaciona-se à compreensão do que caracteriza o exercício adequado da prática médica e às condutas esperadas desse papel. Sua formação ocorre no processo de transição do indivíduo da condição de leigo para a atuação como médico, sendo influenciada pela forma como estudantes interpretam seus papéis e responsabilidades a partir das experiências clínicas e de contextos em constante mudança. (SARRAF-YAZDI et al, 2021). A identidade profissional na medicina pode ser entendida como um processo contínuo de formação do autoconceito, de natureza complexa e não linear (FAROOQ et al.). Esse percurso é atravessado por fatores socioculturais, acadêmicos e pessoais, envolvendo a articulação entre dimensões da identidade pessoal e profissional, o que evidencia a complexidade desse desenvolvimento e os desafios enfrentados pelas instituições de ensino para favorecê-lo (SARRAF-YAZDI et al, 2021).

A formação da identidade profissional é caracterizada como um processo dinâmico, longitudinal e dependente da socialização. Nesse contexto, torna-se fundamental a existência de ambientes de aprendizagem acolhedores que favoreçam esse percurso e estimulem os estudantes a reconhecerem a construção de sua própria identidade profissional desde o ingresso na graduação e ao longo da carreira. No contexto clínico, a identidade contribui para a delimitação da prática, reduz a confusão de papéis no trabalho em equipe e favorece a defesa de posicionamentos profissionais por parte de profissionais e educadores (FINDYARTINI, et al, 2022). A formação da identidade profissional dos estudantes é favorecida por processos reflexivos, que permitem reconhecer tanto o papel atual na formação quanto as expectativas futuras e os conflitos identitários vivenciados ao longo do curso. Nesse processo, a restrição do contato com pacientes reais é percebida como um fator limitante, uma vez que a prática clínica direta é considerada essencial para o desenvolvimento de competências e para a consolidação da identidade médica. A experiência em cenários clínicos reais possibilita aprendizagem autêntica, estimula habilidades cognitivas e metacognitivas e viabiliza a avaliação do desempenho discente, considerando aspectos socioculturais do cuidado em saúde. Assim, torna-se fundamental o suporte institucional por meio de reflexão orientada e mentoria, estratégias que contribuem para a explicitação e reorganização do desenvolvimento da identidade profissional, inclusive em níveis não conscientes (FINDYARTINI, et al, 2020). Dessa forma, a construção da identidade profissional revela-se um processo que, além de experiencial e social, demanda a elaboração das vivências emocionais inerentes à formação médica. O curso de Medicina é caracterizado por alta exigência acadêmica e emocional, com exposição frequente a estressores como sofrimento, morte, sobrecarga de estudos e pressões préuniversitárias, fatores associados ao desenvolvimento de estresse, ansiedade, depressão e prejuízos ao sono e à qualidade de vida dos estudantes. O estresse, entendido como resposta a situações percebidas como ameaçadoras, relaciona-se a manifestações psicopatológicas e ao comprometimento do funcionamento global, sendo agravado pela dificuldade de busca por assistência em saúde mental, o que tem impulsionado a criação de programas institucionais de apoio ao estudante de medicina (AMORIM, et.al, 2018).

A formação da identidade profissional diz respeito ao processo pelo qual o estudante de medicina internaliza e manifesta comportamentos esperados do exercício médico, a partir de valores, crenças, experiências e percepções que impactam o cuidado integral ao paciente. Nesse contexto, a educação médica não deve se limitar ao desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também promover a construção dessa identidade desde os primeiros anos da graduação, e não apenas durante a fase clínica. Assim, cabe aos educadores estruturar o currículo de modo a incluir estratégias pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento das competências relacionadas à identidade profissional. Um currículo orientado por competências contribui para que os estudantes reflitam criticamente sobre sua identidade pessoal, ressignifiquem valores e crenças e os alinhem às expectativas da profissão, dos colegas e dos pacientes, além

de estimular a comunicação efetiva, o julgamento adequado e o exercício da medicina com segurança em um sistema de saúde baseado em negócios (KRISHNASAMY et.al, 2022). Embora as competências comunicacionais e as dimensões psicossociais do cuidado estejam cada vez mais presentes na formação médica e na residência, evidências sugerem que seu reforço no treinamento clínico ainda é limitado (KERN et.al, 2025). Nesse cenário, a psicologia médica dedica-se à análise dos aspectos psicológicos envolvidos na formação do estudante de medicina, no exercício profissional do médico e na vivência do paciente e de seus familiares, levando em conta as restrições impostas pelo contexto institucional. Trata-se de uma área marcada pela complexidade, pois abrange relações humanas constantemente atravessadas pela experiência da doença, do sofrimento e da morte. Ao longo do processo formativo, o curso de medicina interfere na constituição da personalidade do estudante, sendo essa transformação um elemento fundamental da preparação profissional, conforme destacado por Alonso Fernández. Nesse contexto, ressalta-se o papel do professor, cuja postura, habilidade de escuta e coerência entre discurso e prática atuam como referência para o aluno, exercendo influência que ultrapassa o conteúdo verbal transmitido (MELLO, 2010).

Relação Médico-Paciente

Na psicologia médica, a relação médico-paciente é entendida de maneira ampla através da triangulação, que determina diversos eixos de interação. O triângulo médico-enfermidade-cliente enxerga os efeitos emocionais e fantasias inconscientes geradas pela doença em paciente e médico. O triângulo médico-família-cliente revela o papel da família como apoio e agente ativo no tratamento, impactando a adesão do paciente às terapias. Já o triângulo médico-instituição-cliente enfatiza como fatores institucionais, como expectativas, condições de trabalho e contexto organizacional, afetam a dinâmica do cuidado (Soar Filho, EJ,. 1998). Esses triângulos sinalizam como elementos psicológicos e contextuais alteram a relação clínica. No triângulo médico-enfermidade-cliente, sentimentos e fantasias podem influenciar percepção e empatia. No triângulo médico-família-cliente, a família pode apoiar ou dificultar o tratamento, demandando do médico sensibilidade e negociação. No triângulo médico-instituição-cliente, expectativas institucionais e circunstâncias de trabalho impactam a disponibilidade do médico e a experiência do paciente. Compreender essas dimensões viabiliza fortalecer a comunicação, a empatia e a confiança no cuidado, solidificando uma prática médica mais humanizada e eficaz (Soar Filho, EJ,. 1998). A relação médico-paciente deve ser analisada sob variadas dimensões, como a filosófica, psicológica e sociológica, uma vez que abrange não apenas o contato direto entre os envolvidos, mas também aspectos éticos, familiares e institucionais. Do ponto de vista filosófico, a prática clínica requer cuidado a princípios éticos como beneficência, não maleficência e respeito à autonomia, ajustando interesses do paciente e do profissional. Diferentes abordagens éticas, sendo essas, maximalista, ordinária e minimalista, proporcionam padrões para definir limites, prioridades e exigências morais, ao passo que a fenomenologia contribui para aprimorar

a sensibilidade moral, reconhecendo a intencionalidade e a perspectiva em primeira pessoa na percepção do paciente (Namazi, Aramesh & Larijani, 2016).

No plano psicológico, o vínculo é marcado por desequilíbrios de poder, que podem produzir padrões comunicativos diversos, como submissão, dominância, agressividade ou assertividade. A identificação desses padrões propicia ao profissional entender comportamentos, otimizar a comunicação e tomar decisões terapêuticas mais eficazes. Recursos como a linguagem corporal, a assertividade, a manutenção da distância psíquica e o desenvolvimento do quociente emocional ajudam na regulação emocional e no desenvolvimento de um ambiente de cuidado seguro e empático, favorecendo interações mais equilibradas e construtivas (Namazi, Aramesh & Larijani, 2016). Segundo a abordagem fisiológica, a relação médico-paciente deve ser examinada em um contexto social mais abrangente, no qual a ação comunicativa é centralizada. Diferente da ação instrumental, direcionada apenas para resultados, a ação comunicativa visa entendimento mútuo e cooperação, baseada em transparência, honestidade e veracidade. Filósofos como Kant, Levinas, Buber e Marcel sustentam a importância de reconhecer o outro como sujeito integral, promovendo responsabilidade ética, respeito e presença nas interações. Integrar essas perspectivas permite que médicos e demais profissionais de saúde desenvolvam relações mais humanizadas, éticas e eficazes, capazes de lidar com a complexidade do cuidado contemporâneo (Namazi, Aramesh & Larijani, 2016). A comunicação é o meio pelo qual duas entidades (no sentido mais genérico possível) têm de expressar fome, medo, raiva, disponibilidade para reprodução e muitas outras informações (De Marco, Abud, Lucchese & Zimmermann, 2012). Nesse sentido é de praxe no auxílio da relação médico-paciente, promovendo uma escuta ativa, empatia e comunicação eficiente. No processo de desenvolvimento progressivo da comunicação, especialmente no contexto médico, essa tem sido estimulada pelo uso da internet, que desempenha um papel inovador. A facilidade de acesso a informações e interações através de plataformas online possibilitou que pacientes se tornassem mais informados, ainda que, em alguns casos, haja resistência dos profissionais às transformações, particularmente em relação ao conceito de "paciente especialista". A equipe multiprofissional em saúde em alguns lugares tem expressado apreensões quanto ao aumento do tempo dedicado ao atendimento desses pacientes, que atualmente estão em busca de conhecimento sobre a saúde diretamente na internet (Shaw & Baker, 2004). Em contrapartida, a internet não vai além de expandir o conhecimento do paciente, mas também possibilita interações ágeis com profissionais da saúde, como consultas e prescrições online, alterando o dinamismo de como os cuidados médicos são direcionados nas consultas. Estudos evidenciam que uma porcentagem crescente de pessoas nos Estados Unidos e no Brasil acessam a internet para buscar informações acerca da saúde, sendo uma via inicial de contato para compreender alternativas terapêuticas e cuidados que devem ser realizados (Sechrest, 2010). No Brasil, a adesão da população na internet, apesar de substancial, ainda é superada pelo acesso a meios de comunicação como o Orkut,

Facebook e o MSN, contudo o aumento do uso da internet para informações relacionadas à saúde é inegável. Entretanto, existem obstáculos, como a precisão dos dados, considerando que muitos sites não validam fontes ou a confiabilidade das informações, o que pode resultar em prejuízos para o paciente que, sem contexto clínico adequado, pode interpretar informações de maneira errônea e se preocupar excessivamente com condições raras (Lo; Parham, 2010).

Essas transformações, impulsionadas pela revolução digital, requerem tanto dos profissionais de saúde quanto dos pacientes a adequação a novas maneiras de comunicação e cuidado. A internet permanece configurando o futuro do atendimento médico, intensificando a autonomia dos pacientes, mas também demandando uma nova abordagem por parte dos profissionais para que consigam gerir as informações de forma eficiente e conforme com as demandas reais de seus pacientes (De Marco, Abud, Lucchese & Zimmermann, 2012). Portanto, os fundamentos da psicologia médica exercem uma função de destaque na adequação dos profissionais da saúde aos novos modelos de comunicação definidas pela internet. Ao qualificar os médicos a lidar com as emoções e percepções dos pacientes, esses instrumentos psicológicos promovem uma comunicação mais empática e eficaz. A escuta atenta, associada ao crescimento de competências emocionais, viabiliza ao profissional compreender as preocupações dos pacientes e comunicar-se de maneira mais sensível e única. Em um cenário onde os pacientes estão cada vez mais atualizados e exigentes, a Psicologia Médica auxilia os médicos a perceber as particularidades emocionais e a falta de informação que podem surgir ao buscar informações online.

Além disso, a promoção de uma escuta qualificada não só melhora a relação entre médico e paciente, mas também contribui para um tratamento mais adequado, no qual o paciente se sente ouvido e respeitado. Essa abordagem fortalece a parceria entre médico e paciente, o que é essencial para a gestão eficaz da saúde. Ao aplicar os conhecimentos psicológicos, os profissionais da saúde podem oferecer cuidados mais atentos e humanizados, promovendo o bem-estar do paciente e favorecendo um ambiente de confiança mútua.

Humanização da Medicina

Tradicionalmente, a formação médica era fortemente centrada no manejo da doença, conhecido como modelo biomédico, com ênfase no diagnóstico e tratamento a partir da fisiopatologia das enfermidades. Entretanto, tal modelo se mostrou obsoleto ao passar dos anos, afirmando suas falhas diante da complexidade dos fatores que influenciam a saúde dos indivíduos, tornando imprescindível a incorporação de conhecimentos da psicologia no currículo acadêmico.

No contexto social vigente, a aprimoração de habilidades sociais faz-se necessária, tornando-se mais um pilar da formação do médico contemporâneo,

agregando ao conhecimento teórico científico. É de suma importância que o médico compreenda e pratique habilidades sociais, comunicacionais e emocionais em sua prática clínica, sendo assim, a Psicologia Médica assume papel fundamental na concretização da humanização na abordagem do profissional na realização da anamnese e no manejo adequado de situações delicadas vivenciadas na prática assistencial. A literatura evidencia que a comunicação eficaz é considerada uma habilidade clínica essencial, estando diretamente associada à qualidade do cuidado, à adesão ao tratamento e à satisfação do paciente, devendo ser ensinada de forma estruturada durante a graduação médica (Kurtz; Silverman; Draper, 2005).

A abordagem da Psicologia Médica na construção do profissional da saúde favorece a investigação do paciente dentro de um modelo biopsicossocial, proporcionando que os novos médicos reconheçam que o processo saúde-doença engloba fatores de diversas áreas, tais como biológicos, psicológicos e sociais. Sendo assim, essa disciplina acadêmica já vem demonstrando resultados positivos na prática clínica, levando para o mercado de trabalho especialistas em saúde cada vez mais empáticos, fortalecendo a capacidade de estabelecer um vínculo médico-paciente mais sólido. Um vínculo pautado na confiança e respeito fomenta ainda mais a adesão do paciente ao tratamento, impactando diretamente nos desfechos clínicos, no que diz respeito à humanização em saúde, destaca-se que “o cuidado em saúde deve ir além dos procedimentos técnicos, incorporando acolhimento, vínculo e responsabilização” (FRANCO; MERHY, 2003, p. 56).

A capacidade de manejar situações difíceis, como o sofrimento, a dor e a morte, também deve ser uma habilidade do médico. O médico é frequentemente exposto a cenários de grande carga emocional, sendo essencial que saiba lidar com essas experiências de maneira ética e sensível, sem comprometer a sua própria saúde mental nem a qualidade do atendimento. Nesse contexto, a Psicologia Médica também desempenha função crucial no desenvolvimento do autoconhecimento e na promoção de saúde emocional do próprio médico, a formação médica é marcada pelo seu alto nível de exigência, podendo levar ao esgotamento emocional desencadeando casos de ansiedade.

Resultados

A revisão da literatura indica que a Psicologia Médica é essencial à formação integral do aluno de Medicina e à aquisição das competências técnicas, éticas, comunicacionais e humanísticas indispensáveis à prática profissional. Os estudos revisados mostram que a inclusão da disciplina nos cursos de Medicina ajuda na construção de uma identidade profissional mais reflexiva, sólida e humanizada. Os estudos revisados indicaram que a inclusão da matéria na formação médica contribui para o fortalecimento de uma identidade profissional mais reflexiva e mais humanizada.

Os achados indicam que a Psicologia Médica atua de forma decisiva na melhoria da relação entre médico e paciente, especialmente no que se refere à empatia, à escuta atenta e à comunicação terapêutica. A literatura mostra que estudantes que têm contato com conteúdo e práticas relacionadas à dimensão psicológica do cuidado são mais aptos a reconhecer os aspectos emocionais, subjetivos e sociais do processo de adoecimento, oferecendo um cuidado mais acolhedor e centrado no paciente. Segundo a literatura, alunos que têm contato com conteúdo e práticas relacionadas à dimensão psicológica do cuidado conseguem lidar melhor com as questões emocionais, subjetivas e sociais do processo de adoecimento, oferecendo um cuidado mais humanizado e centrado no paciente.

Também se percebeu que a disciplina contribui para o aprimoramento das habilidades de comunicação, especialmente no que tange à anamnese e em momentos mais delicados da prática clínica, como a comunicação de diagnósticos desfavoráveis, o manejo do sofrimento e o enfrentamento da morte. Os estudos analisados ressaltaram que o desenvolvimento dessas competências propicia uma maior adesão ao tratamento, fortalece o vínculo clínico e melhora a qualidade do cuidado oferecido. Os estudos que foram revisados indicaram que a promoção dessas competências aumenta a adesão ao tratamento, fortalece a relação clínica e melhora a qualidade do cuidado.

Outro ponto frequentemente abordado na literatura foi a contribuição da Psicologia Médica para a formação ética e emocional do futuro médico. Os estudos analisados evidenciam que o contato com reflexões a respeito do sofrimento humano, da subjetividade, da identidade profissional e da saúde mental propicia maior autorreflexão e crescimento pessoal, além de ajudar no manejo das pressões emocionais e acadêmicas que ocorrem durante a graduação em Medicina. Os estudos que foram revisados indicam que o contato com reflexões acerca do sofrimento humano, da subjetividade, da identidade profissional e da saúde mental favorece uma autorreflexão e um amadurecimento pessoal que ajudam a lidar com as pressões emocionais e acadêmicas que permeiam a formação em Medicina.

Os resultados também mostraram que ambientes de aprendizagem que priorizam a escuta, o acolhimento e a reflexão crítica são benéficos para a construção da identidade profissional do médico e ajudam a formar profissionais mais aptos a enfrentar os contextos complexos e desafiadores do sistema de saúde atual. Nesse aspecto, a Psicologia Médica revelou-se uma ferramenta pedagógica valiosa para promover uma prática médica mais ética, empática e humanizada. Por fim, a revisão da literatura evidenciou um consenso entre os autores sobre a necessidade de fortalecer a Psicologia Médica nos currículos das escolas de medicina, levando em conta sua importância estratégica para a formação de médicos que consigam unir competência técnica, estabilidade emocional e sensibilidade humana no cuidado ao paciente. Nesse contexto, a Psicologia Médica revelou-se um valioso recurso educativo para fomentar uma prática médica mais ética, empática e centrada no ser humano.

Em síntese, a revisão bibliográfica evidenciou que os autores concordam sobre a necessidade de um fortalecimento da Psicologia Médica nos currículos das escolas médicas, tendo em vista sua importância estratégica na formação de médicos que consigam aliar competência técnica, controle emocional e sensibilidade humana no cuidado ao paciente.

Conclusão

Assim, este estudo evidenciou a Psicologia Médica como um componente fundamental na formação integral do estudante de Medicina. A revisão da literatura permitiu a compreensão de como os princípios teóricos e pedagógicos da disciplina se relacionam com o desenvolvimento de habilidades técnicas, comunicativas, éticas e humanísticas essenciais para a prática profissional.

A análise da literatura reforça a importância de incluir a Psicologia Médica nos currículos de Medicina, visto que possui um papel estratégico na criação de uma identidade profissional robusta e na preparação do futuro médico para lidar com as complexidades emocionais do cuidado em saúde. Além disso, por favorecer a integração entre conhecimento científico e sensibilidade humana, a disciplina se estabelece como instrumento pedagógico capaz de estimular a autorreflexão, fortalecer a maturidade pessoal e profissional e promover uma prática médica mais empática e humanizada.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo tanto valorizar a Psicologia Médica como campo de estudo quanto enfatizar sua contribuição essencial para a formação de médicos capacitados para atender às necessidades atuais do sistema de saúde, integrando técnica, ética e humanidade no atendimento ao paciente.

Declarações

Conflito de interesses: os autores declaram não haver conflito de interesses.

Financiamento: o estudo não recebeu financiamento externo.

Aspectos éticos: por se tratar de revisão bibliográfica, sem coleta de dados primários com seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Disponibilidade de dados: não se aplica, por se tratar de revisão bibliográfica.

Referências

AMORIM, Bruna Bittencourt; MORAES, Larissa; SÁ, Isabella Cavalcante Gomes; SILVA, Barbara Borges Gomes; CÂMARA FILHO, José Waldo Saraiva. Saúde mental do estudante de Medicina: psicopatologia, estresse, sono e qualidade de vida. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, v. 7, n. 2, p. 245-254, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v7i2.1911.

BALINT, Michael. O médico, seu paciente e a doença. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005.

BERKHOF, M. et al. Effective training strategies for teaching communication skills to physicians, 2011.

CAPRARA, Andrea; RODRIGUES, Josiane. A relação médico-paciente: para uma humanização da prática médica. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1397-1405, 2004.

CARVALHO, I. P.; RIBEIRO-SILVA, R.; PAIS, V. G.; FIGUEIREDO-BRAGA, M.; CASTRO-VALE, I.; TELES, A.; ALMEIDA, S. S.; MOTA-CARDOSO, R. Teaching doctor-patient communication: a proposal in practice. Acta Médica Portuguesa, v. 23, n. 3, p. 527-532, 2010. DOI: 10.20344/amp.623

CRUESS, R. L.; CRUESS, S. R.; BOUDREAU, J. D.; SNELL, L.; STEINERT, Y. A schematic representation of the professional identity formation and socialization of medical students and residents: a guide for medical educators. Academic Medicine, v. 90, n. 6, p. 718-725, 2015.

EKSTERMAN, A. O ensino de Psicologia Médica. Psicossomática, Recife: OEDIP, ano I, n. 1, jan./mar. 1986. Trabalho originalmente apresentado no I Congresso de Medicina Psicossomática da Bacia do Prata, Buenos Aires, 1977.

ENGEL, George L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. Science, New York, v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977.

FAROOQ, Muhammad et al. Professionalism and professional identity in medical students. Frontiers in Medicine, v. 12, 2025. DOI: https://doi.org/10.3389/fmed.2025.1650073.

FERNANDES, D.; TAQUETTE, S.; SOUZA, L. Aspectos relacionados ao estudante na construção da identidade médica: uma revisão integrativa. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, 2023.

FINDYARTINI, Ardi et al. Professional identity formation of medical students: A mixed-methods study in a hierarchical and collectivist culture. BMC Medical Education, v. 22, n. 1, p. 443, 2022. DOI: https://doi.org/10.1186/s12909-022-03393-9.

FINDYARTINI, Ardi; ANGGRAENI, Dewi; HUSIN, Joseph Mikhael; GREVIANA, Nadia. Exploring medical students' professional identity formation through written reflections during the COVID-19 pandemic. Journal of Public Health Research, v. 9, suppl. 1, p. 1918, 2020.

FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson Elias. Programa de humanização do atendimento: diretrizes e estratégias. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 27, n. 65, p. 54-61, 2003.

KERN, David E.; BRANCH JR, William T.; JACKSON, Jeffrey L.; BRADY, Donald W.; FELDMAN, Mitchell D.; LEVINSON, Wendy; LIPKIN JR, Mack; General Internal Medicine Generalist Educational Leadership Group. Teaching the psychosocial aspects of care in the clinical setting: practical recommendations. Academic Medicine, v. 80, n. 1, p. 8-20, 2005. DOI: 10.1097/00001888-200501000-00006.

KRISHNASAMY, Narendiran; HASAMNIS, Ameya A.; PATIL, Sapna S. Developing professional identity among undergraduate medical students in a competency-based curriculum: Educators' perspective. Journal of Education and Health Promotion, v. 11, p. 361, 2022. DOI: 10.4103/jehp.jehp_329_22.

LÖNN, A.; WEURLANDER, M.; SEEBERGER, A.; HULT, H.; THORNBERG, R.; WERNERSON, Annika et al. The impact of emotionally challenging situations on medical students' professional identity formation. Advances in Health Sciences Education, v. 28, p. 1557-1578, 2023.

MARTINS, José de Souza; NASCIMENTO, Maria do Carmo. Psicologia médica e formação humanística do estudante de medicina. Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília, v. 35, n. 3, p. 408-414, 2011.

MELLO FILHO, J.; BURD, M. (org.). Psicossomática hoje. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NOGUEIRA-MARTINS, L.; NOGUEIRA-MARTINS, M. O exercício atual da Medicina e a relação médico-paciente. Revista Brasileira de Clínica Terapêutica, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 59-64, 1998.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SARRAF-YAZDI, Shiva et al. A scoping review of professional identity formation in undergraduate medical education. Journal of General Internal Medicine, v. 36, n. 11, p. 3511-3521, 2021.

SILVA, Maria Júlia Paes da. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Loyola, 2012.

WEST, C. P.; SHANAFELT, T. Physician burnout, 2018.